

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n1.007



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## AFINAL, VIVER PARA QUÊ? O SENTIDO DA VIDA NA PERSPECTIVA CRISTÃ EM DIÁLOGO COM A FILOSOFIA EXISTENCIALISTA

After all, to live for what? The meaning of life from a christian perspective in  
dialog with existentialist philosophy

Matheus Rodrigues de Brito<sup>1</sup>

### RESUMO

A pergunta pelo sentido da vida é presente em todas as pessoas, a tentativa de estabelecer uma resposta é comum, e as várias perspectivas ao longo da história evidenciam esse fato. Se a pergunta sobre o motivo da existência exige esclarecimento, o objetivo consiste em apresentar a perspectiva bíblica e cristã do sentido da vida como uma compreensão a ser adotada. Para explicar isso, utiliza-se o método referencial bibliográfico e hipotético dedutivo, empregando uma metodologia comparativa e histórica. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, em partes básica e aplicada. A partir das ponderações realizadas, entende-se que a Bíblia aponta que a existência humana tem um sentido, e que o ser humano não é apenas uma criatura que vive sem uma finalidade última. Com o intuito de apresentar o argumento central, propõe-se a necessidade e busca de um sentido último para a vida, demonstrando na Filosofia existencialista. Como contraponto, utiliza-se a perspectiva teológica cristã e bíblica do sentido da vida. Chega-se à consideração final de que a Bíblia e a perspectiva cristã, entendem que o sentido da vida é glorificar a Deus e satisfazer-se nele, sendo uma percepção plausível a ser adotada.

**Palavras-chave:** Sentido da vida. Perspectiva cristã. Imagem de Deus. Existencialismo.

### ABSTRACT

The question of the meaning of life is present in all human attempts to find a common answer, and the various perspectives throughout history underline this fact. If the

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pela FABAPAR - Faculdades Batista do Paraná. E-mail: matheus.r.brito@hotmail.com.  
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9803008729462576>.

question for existence needs clarification, the biblical and Christian perspectives on the meaning of life should be embraced. To explain this, the bibliographical and hypothetical deductive methods are applied, using a comparative and historical method. It is a qualitative search, consisting of a basic and an applied part. From the considerations made, it emerges that the Bible suggests that human existence has a meaning and that the human being is not simply a creature who lives without an ultimate purpose. Hence, the central argument is therefore the necessity and the search for an ultimate meaning of life, as expressed in the existentialist philosophy. The Christian and biblical-theological perspective on the meaning of life is used as a counterpoint. Finally, we conclude that the Bible and the Christian perspective assume that the meaning of life is to glorify God and to be satisfied in him, which is a plausible perception to adopt.

**Keywords:** Meaning of life. Christian perspective. Image of god. Existentialism.

## INTRODUÇÃO

O tema que será trabalhado nesta pesquisa, tem como pergunta central a questão de qual é o sentido da vida a partir da perspectiva cristã? A indagação pelo sentido da razão da existência é geral, e ao longo de toda história humana foram elaboradas diversas respostas. O problema é que mesmo com uma multiplicidade de pensamentos e pontos de vista diferentes, os seres humanos ainda continuam buscando respostas à sua indagação. Sendo assim, percebe-se a necessidade de, apesar da profusão de respostas já dadas à questão do sentido da vida humana, tecer o ponto de vista bíblico e cristão. Se o questionamento continua em voga ao longo de tantos séculos, responder a partir da fé cristã é uma contribuição considerável em comparação às demais concepções.

A relevância da pesquisa é fundamental, afinal, esta questão pode causar um grande impacto na vida de alguns indivíduos, quando não possui uma ideia definida ou que conduza o modo de viver. Isto traz à tona uma preocupação necessária em relação ao cuidado com o próximo e a orientação ao que se encontra desorientado em busca de sentido na vida. É um fato que os casos de pessoas com problemas emocionais, como ansiedade, depressão e a falta de um propósito para se viver é crescente na sociedade atual.

O sentido da vida é uma questão que impacta a igreja, Teologia, sociedade e a humanidade como um todo, pois é uma pergunta intrínseca ao ser humano. Pensar no sentido pode ser aliviador quando se tem um, o qual trará o senso de realização e propósito para o indivíduo, ou angustiante quando não se tem. Diante de um questionamento global inerente ao ser humano, que o afeta em variados aspectos e, diante da pluralidade de sentidos apresentados na história e contemporaneamente, nesta pesquisa cabe defender e destacar o sentido da vida a partir de uma compreensão bíblica e cristã.

A partir de um levantamento bibliográfico, percebeu-se que questões existencialistas na Teologia são tratadas de modo relativamente breve em Teologias Sistemáticas, dentro de Antropologia. Portanto, os principais autores que serão utilizados são: Pannenberg, Ferreira e Myatt, Keller, McGrath entre outros. Os objetivos desta pesquisa consistem em responder à pergunta central que é: qual o sentido da vida na perspectiva cristã? Ou seja, a proposta é compreender o sentido da vida humana a partir da visão bíblica e cristã. Para tanto, os objetivos específicos consolidam-se em: primeiro, compreender o desejo por sentido inerente

no ser humano, de forma introdutória, por meio da Teologia e principalmente da Filosofia Existencialista. Segundo demonstrar e definir a compreensão cristã do sentido da vida por meio dos textos bíblicos e a Teologia sistemática.

Retornando à pergunta inicial, afinal, viver para quê? Qual o sentido da vida na perspectiva cristã? A pesquisa responderá à questão por duas linhas principais e de forma crescente. Inicialmente, a primeira proposta que será apresentada é a compreensão do inerente desejo humano pelo sentido e razão de sua existência, o ser humano desejoso e a indagação pelo sentido da vida. Como argumento, serão introduzidas algumas perspectivas sobre o sentido da vida. De início, as compreensões filosóficas, iniciando com o surgimento da Filosofia como busca de sentido. Após, observando o Niilismo e então o Existencialismo. Por fim, a resposta dada à pergunta central consolida-se na segunda parte, que tem como proposta apresentar justamente o sentido da vida humana a partir da *imago Dei* e a perspectiva cristã. Para isso, será definido a finalidade da *imago Dei*; uma observação breve do que a Bíblia apresenta sobre o sentido da vida; a satisfação em Deus como resposta, e, por fim; demonstrar como a fé cristã é uma perspectiva com fundamento e plausível para se conduzir a existência humana.

## 1. O SER HUMANO DESEJOSO E A INDAGAÇÃO PELO SENTIDO DA VIDA

A busca por sentido e por uma resposta em torno do porquê da existência, é algo intrínseco ao ser humano. Vislumbrando um panorama histórico da humanidade já torna perceptível essa constante busca, percebe-se na Filosofia, nas religiões e nos próprios questionamentos pessoais a incessante tentativa de resposta. Como destaca McGrath “Desejamos nos ver como parte de um quadro maior que se estende além de nossas necessidades e preocupações imediatas. [...] encontrar algo mais profundo do que aquilo que pode ser encontrado mediante o exame do mundo empírico”.<sup>2</sup> Rabuske entende da mesma maneira que a busca pelo sentido é inevitável, ele situa que

Todos os homens perguntam pelo sentido de sua vida, não importando a terminologia que empregam. A razão mais simples é a seguinte: a sua vida é tecida com elementos diversos: trabalho e lazer, alegrias e sofrimentos, esperanças e decepções. O indivíduo sabe que a vida passa. Aliás, se a vida, nas condições atuais, se espichasse ao infinito, nem teria graça. Neste contexto existencial surge a questão: Para que tudo isso? Vale a pena?<sup>3</sup>

Afinal, viver para quê? É uma pergunta passada, contemporânea e futura. O ser humano sempre se questionou em torno do sentido de sua vida e continuará. Sendo assim, tendo em vista a problemática, neste tópico, será abordado de modo introdutório as variadas perguntas pelo sentido e algumas propostas de respostas.

---

<sup>2</sup> MCGRATH, Alister. **C. S. Lewis, Richard Dawkins e o sentido da vida**. Viçosa: Ultimato, 2020, p. 75.

<sup>3</sup> RABUSKE, Edvino A. **Antropologia Filosófica: um estudo sistemático**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 209.

### 1.1 Da busca pela verdade à falta de sentido: dos filósofos pré-socráticos ao Niilismo

O sentido da vida é amplamente questionado, isso é fato, no entanto, a problemática não é apenas o questionamento, mas, a necessidade de uma resposta definitiva. Ao longo de toda história em diversas áreas do conhecimento têm sido discutidas algumas alternativas. Em um panorama singelo, será destacado inicialmente de que forma a Filosofia pensou sobre o sentido da vida humana. Primeiro, partindo da busca pela verdade com os pré-socráticos e, após, observando de modo breve o niilismo. A Filosofia também propôs a pergunta pelo sentido da vida. O início desta ciência remonta a este questionamento. Embora não necessariamente a busca de um sentido pelo qual viver ou pessoal, mas, a razão de tudo, o princípio, o porquê de todas as coisas.

O surgimento da Filosofia se dá por volta do séc. VI a. C. Possivelmente Aristóteles, em seu livro I da Metafísica foi o estopim para a concepção atual, definindo Tales de Mileto como o primeiro dos filósofos. A Filosofia como perspectivas de se pensar a natureza, foi presente em outros povos da Antiguidade, como os assírios, babilônios, chineses, indianos, egípcios, persas e hebreus. Todavia, foram os gregos que fizeram ciência, é na cultura grega que se estabelece a fase inicial filosófico-científica.<sup>4</sup>

Claramente antes da data estabelecida como o início da Filosofia grega, se pensou de outras maneiras, se estabelece o séc. VI a. C., por conta da mudança do pensamento mítico para o racional, a proposta que se inicia é a observação dos mecanismos reguladores da natureza saindo de uma explicação mítica que havia para uma científica e racional. Neste momento se pergunta pela origem do mundo, universo e as indagações se iniciam. Ou seja, o pontapé inicial é a busca por respostas, nessa preocupação em encontrá-la, estabelece-se o conceito de *arqué*, normalmente traduzido por princípio, o termo representava o elemento de busca da Filosofia, a origem e elemento primordial do universo.<sup>5</sup> Ou seja, os “primeiros filósofos se perguntavam pelo princípio (*arkhé*) a partir do qual o mundo, e tudo o que nele há, veio a existir”.<sup>6</sup>

A grande divisão cronológica na Filosofia é justamente os pré-socráticos, aqueles que vieram antes de Sócrates (470-399 a.C.). O grande personagem “é tomado como um marco não só devido à sua influência e importância, mas também por introduzir uma nova problemática na discussão filosófica, as questões ético-políticas, ou seja, a problemática humana e social que praticamente ainda não havia sido discutida”.<sup>7</sup> Sócrates é a guinada para outras observações filosóficas não realizadas antes dele.

Elemento principal, origem de tudo, o motivo do que existe; a Filosofia é um exemplo propício de como as pessoas questionam a finalidade das coisas, seu surgimento destaca a necessidade de respostas para o aqui e agora, da vida, universo e mundo. Embora o objeto de pesquisa dos pré-socráticos não foi propriamente o sentido da vida humana, mas, a natureza

<sup>4</sup> MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 13.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 19.

<sup>5</sup> CASTRO, Susana de (org.). **Introdução à filosofia**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 11.

<sup>6</sup> MADUREIRA, Jonas. **Curso Vida Nova de teologia básica**: filosofia. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 19.

<sup>7</sup> MARCONDES, 2010, p. 30.

e origem do que existe, demonstra claramente o anseio por resposta e sentido de tudo. Percebe-se, então, que esse período evidencia o questionamento humano, mas, o momento em que a Filosofia pensou no sentido da vida é posterior à este. Realizando um salto histórico, será destacado o Niilismo.

O grande marco do pensamento filosófico em torno do sentido da vida é o existencialismo. No entanto, um grande predecessor e influenciador desta área é Friedrich Nietzsche (1844-1900). Há discussão em torno do termo e componentes do existencialismo, alguns englobam Nietzsche, o fato é que “o seu pensamento tornou-se ponto de partida para as concepções existencialistas do século XX. Estas tomaram iniciativa de definir o sentido da existência humana de maneira nova no espaço do niilismo, aberto por Nietzsche, só que numa direção diferente da do próprio Nietzsche”.<sup>8</sup> Partindo assim, pode-se entendê-lo como o precursor dos problemas que o existencialismo enfrenta posteriormente. O foco não é analisar sua vida, obra ou uma análise crítica de sua Filosofia, mas, destacar seu pensamento em torno do sentido da vida ou a falta dele.

A grande crítica de Nietzsche está relacionada com sua ideia de vida e religião, a vida é o valor supremo e a religião a destruidora dela, especialmente o cristianismo. Suas críticas à fé cristã são extensas, severas e variadas, para ele, ela é a negação do mundo e sua realidade. O ponto central de sua Filosofia consiste na morte de Deus, que de certo ponto é benéfica pois, na sua percepção a opressão e ameaça que limitava o homem se foi, a chamada aurora da liberdade humana surge. Ao saber da morte de Deus há a iluminação, gratidão, expectativa. As igrejas agora são túmulos de Deus e a liberdade humana se instaura<sup>9</sup>. Em uma de suas falas, na obra *A Gaia Ciência*, seu pensamento fica evidente

De fato, nós filósofos e “espíritos livres” sentimo-nos, à notícia de que “o velho Deus está morto”, como que iluminados pelos raios de uma nova aurora; nosso coração transborda de gratidão, assombro, pressentimento, expectativa - eis que enfim o horizonte nos aparece livre outra vez, posto mesmo que não esteja claro, enfim podemos lançar outra vez ao largo nossos navios, navegar a todo perigo, toda ousadia do conhecedor é outra vez permitida, o mar, nosso mar, está outra vez aberto, talvez, nunca dantes houve tanto “mar aberto”.<sup>10</sup>

A grande questão que deve ser percebida, no entanto, não necessariamente é a morte de Deus, mas a consequência deste fato, o niilismo. Com o niilismo vem a falta de sentido, a inexistência de valores morais, o nada. Conforme define Zilles:

Como consequência da morte de Deus vem o niilismo. [...] O nada passa a ocupar o lugar de Deus. Todos os valores se desvalorizam. E o homem atual entra em agonia. Nietzsche via sua época como o fim da metafísica, da morte de Deus e do ateísmo. Tudo isso ele designa com o termo niilismo. O niilismo é inerente ao cristianismo. [...] Por um lado, o niilismo é a desvalorização de todos os valores tradicionais: moral, metafísica e religião. Chega-se ao fim da

<sup>8</sup> PANNENBERG, Wolfhart. **Filosofia e teologia: tensões e convergências de uma busca comum**. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 288.

<sup>9</sup> ZILLES, Urbano. **Filosofia da religião**. 8.ed. São Paulo: Paulus, 2010, p. 166,172.

<sup>10</sup> NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras incompletas**. 3.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 212, § 343.

história desses valores. Por outro, o niilismo anuncia uma nova visão. É sinal de decadência, da degenerescência da vida, ou seja, torna visível a decadência de longa tradição.<sup>11</sup>

No niilismo o grande sentido da existência humana é a completa falta dele, o sujeito vive o nada, o vazio, a ausência de sentido. A vida torna-se inútil, sem valor, o completo nada. É na inexistência de sentido que se completa o absurdo que “é então consequência do niilismo diagnosticado por Nietzsche, a falta de sentido da vida e a ausência de valor no mundo”<sup>12</sup>. Seria então este o sentido a se adotar para a vida? Destaca-se que os questionamentos filosóficos vão além do pensamento niilista, o início é estabelecido e a discussão continuada pelos filósofos existencialistas, após Nietzsche.

## 1.2 A Filosofia Existencialista

Foi observado o período pré-socrático, em seguida um momento mais recente, a Filosofia niilista, sendo a influenciadora dos problemas tratados pelos filósofos existencialistas, posteriores a Nietzsche. E “a situação do niilismo, descrita por Nietzsche, compõe o contexto para as diversas formas de uma Filosofia da existência que se destacaram no período entre as duas guerras mundiais”.<sup>13</sup> Sendo assim, é neste período que as discussões em torno do sentido da vida se intensificam.

A corrente filosófica existencialista tem discussões em relação ao seu criador, o que não cabe apontar nesta pesquisa teológica; ainda assim, resalta-se os grandes nomes atribuídos a ela, a saber: Søren Kierkegaard, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Albert Camus, sobre a influência já dita de Nietzsche. A investigação existencialista tem como objetivo explorar a questão da existência humana, o centro da vida vivida, do ser que pensa, sente e age. Associa-se a vários filósofos dos séculos XIX e XX, principalmente os já mencionados que compartilham a ênfase no sujeito humano. Há divergências de pensamentos, mas seu ápice está em meados do séc. XX, na França, tomando como ponto de partida o ser humano que conceitua e define o sentido de sua própria vida.<sup>14</sup>

Nesse contexto histórico vem à tona essa perspectiva de pensamento, e o termo existencialismo é a “Designação vaga de várias tendências filosóficas que enfatizam alguns temas comuns, como o indivíduo, a experiência da escolha e a ausência de uma compreensão racional do universo - com o conseqüente temor ou sentimento do absurdo da vida humana”.<sup>15</sup> E justamente nesse momento de calamidades, é que as discussões existenciais se

<sup>11</sup> ZILLES, 1991, p. 173-174.

<sup>12</sup> ESCORCIO, Dalriane Miranda; MONTEIRO, Felipe Sávio Cardoso Teles. Reflexões sobre a Filosofia Existencialista. **Cadernos Zygmunt Bauman**, [S. l.], v. 11, n. 26, 2021, p. 22. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/17064>. Acesso em: 20 set. 2023.

<sup>13</sup> PANNENBERG, 2008, p. 297.

<sup>14</sup> GUIMARÃES, Ueudison Alves; LIMA, Raimunda Macêdo da Silva. Do Caos a Ex-sistência: uma abordagem da Filosofia Existencialista. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar** - ISSN 2675-6218, [S. l.], v. 4, n. 11, 2023. DOI: 10.47820/recima21.v4i11.4308. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/4308>. Acesso em: 20 set. 2023. p. 4-5.

<sup>15</sup> METAFÍSICA. In: BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Tradutor Desidério Murcho et al. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 133.



intensificam, se a existência e o porquê dela já eram um dilema em períodos relativamente sem dificuldades, é no sofrimento que se assevera, essa Filosofia que

Tem como principal preocupação o absurdo da existência humana e o sentimento trágico da vida, isto é, a existência humana é o campo de investigação dessa corrente filosófica. A França nesse período está em conflitos, a Segunda Guerra Mundial e a ocupação alemã, e esse momento de certa forma é oportuno para reflexões existenciais, já que a guerra trouxe questões como o medo, desespero, morte e sofrimento [...] É nesse contexto onde a esperança se extinguiu, o medo dominava a existência humana, a vida de certa forma não possuía valor algum, a morte era a única certeza, esses debates toma grande proporção.<sup>16</sup>

Diante do absurdo da vida humana, na perspectiva de Heidegger, a ação, a liberdade e as decisões humanas são essenciais para que se supere a condição que se encontra fadado, a da absurdidade do sentido da vida. Diante da liberdade e autonomia das ações, se conduz à angústia, um termo utilizado no existencialismo, que não necessariamente corresponde ao da cultura ocidental. Nesta responsabilidade, o ser humano é levado a angústia ou ao temor de uma vida caracterizada pelo sofrimento e a inevitável morte. Nesse caso, a responsabilidade humana é o causador do caos da vida, não se torna culpa de Deus ou da natureza, ela está no que o ser humano é, as ações são frutos de suas escolhas.<sup>17</sup>

Já para Kierkegaard, a angústia é a relação com si próprio e a liberdade, o ato de se apossar da liberdade com consciência da finitude, não leva o ser humano a sua verdadeira identidade, mas ao desespero, pois é contrário à constituição de sua existência humana feita a partir do que é eterno.<sup>18</sup> Esta angústia pode ser entendida como pavor ou ansiedade, um sentimento que é gerado a partir da experiência de liberdade e responsabilidade humana, ou a angústia diante do nada. Sendo assim, para o existencialismo é um sentimento humano inato, algo que ocorre em diversos momentos “seja perante o absurdo da existência, seja quando se percebe que não há como reviver o passado que já foi ou um futuro que ainda não chegou, ou quando se percebe como responsáveis pelas escolhas que fazemos em nossa vida, e que, mesmo não escolhendo já está-se a escolher”.<sup>19</sup>

Outra abordagem trazida por esta corrente é o desespero, que se entende por perda de esperança. O desespero existencialista é um estado que o indivíduo se encontra, mesmo quando não está desesperado, pois é uma condição universal da humanidade<sup>20</sup>. Para Kierkegaard, o desespero é natural, pois “também, conhecendo bem o homem, que não há um só que esteja isento de desespero, que não tenha lá no fundo uma inquietação, uma perturbação, uma desarmonia [...]”.<sup>21</sup> Desta forma, todos carregam o fardo do desespero em si.

---

<sup>16</sup> ESCÓRCIO; MONTEIRO, 2021, p. 18-19.

<sup>17</sup> GUIMARÃES; LIMA, 2023, p. 5.

<sup>18</sup> PANNENBERG, 2008, p. 301.

<sup>19</sup> GUIMARÃES; LIMA, 2023, p. 6.

<sup>20</sup> GUIMARÃES; LIMA, 2023, p. 7.

<sup>21</sup> KIERKEGAARD, Sören. **O desespero humano**. São Paulo: Martin Claret, 2001, p. 27.

Na perspectiva existencialista, e diante do absurdo da existência, a concepção da vida é que não há sentido algum no mundo além do sentido que o próprio indivíduo dá à ela. Viver no absurdo é rejeitar a constante busca de um sentido específico para a vida, afinal, não há nada para ser descoberto. O interesse desta forma consolida-se no conflito entre o desejo por sentido e a falta dele no mundo. Sendo assim, a pessoa pode ser confrontada por crises existenciais, podendo desencadear em ansiedade ou depressão por exemplo.<sup>22</sup> Vive-se no vazio, a vida é levada ao nada, busca-se aliviá-la dando um sentido próprio que satisfaça o ser humano e o anestesie da crise de que não há sentido algum e, buscá-lo, é ineficaz.

Baseado em Escórcio e Monteiro, para Sartre o próprio indivíduo é quem constroi e responsabiliza-se pelo sentido de sua existência, em sua liberdade traça-se sua vida. Liberdade compõe o argumento de Sartre, tomando como ideia a capacidade humana em conduzir seu destino e vida no mundo “é como se o homem fosse o grande arquiteto de sua existência, ele que deve traçar os planos e o sentido para as suas ações no mundo”.<sup>23</sup> De forma bem sintética, é o ser humano criador de sentido individual.

A concepção de Camus, diferente de Sartre que é mais indireta, aponta uma relação bem clara com o Niilismo. Ainda baseado em Escórcio e Monteiro, o pensamento de Camus aponta que “o absurdo é então consequência do niilismo diagnosticado por Nietzsche, a falta de sentido da vida e a ausência de valor no mundo”.<sup>24</sup> Camus também investiga a ausência de sentido na vida como os demais existencialistas, mas pensa para além disso, o absurdismo, sendo a consciência da ausência de sentido, gerando um confronto consigo mesmo e o mundo, pois “possui um desejo incansável por sentido, não há uma separação entre o homem e o mundo, mas um choque”.<sup>25</sup>

Em uma de suas obras “O mito de Sísifo”, o pensamento de Camus torna-se evidente. A história contada é sobre um personagem da mitologia grega chamado Sísifo, o qual é condenado pelos deuses a rolar uma pedra até o topo de uma montanha, ao chegar lá ela novamente rolava abaixo. A tarefa era repetida incessantemente. Os deuses pensaram que não havia punição mais terrível que o trabalho inútil e sem esperança, como o imposto a Sísifo. Para Camus, a descida para buscar o rochedo é o momento da consciência da tragédia, da condição existencial, o absurdo. Não somente o personagem passa por isso, mas “o operário de hoje trabalha todos os dias de sua vida nas mesmas tarefas e esse destino não é menos absurdo. Mas ele só é trágico nos raros momentos em que se torna consciente”. Na situação miserável da falta de sentido, Sísifo revolta-se, e a revolta eficaz é a felicidade e alegria, pois “Não existe destino que não se supere pelo desprezo” e ainda, “Se a descida, assim, em certos dias se faz para a dor, ela também pode se fazer para a alegria”.<sup>26</sup>

Nesta perspectiva, todos são como Sísifo, rolando montanha acima suas próprias rochas sem sentido, afinal, toda a vida é sem sentido. A solução não seria o desespero, tédio, suicídio

<sup>22</sup> GUIMARÃES; LIMA, 2023, p. 8.

<sup>23</sup> ESCÓRCIO; MONTEIRO, 2021, p. 21.

<sup>24</sup> ESCÓRCIO; MONTEIRO, 2021, p. 22.

<sup>25</sup> ESCÓRCIO; MONTEIRO, 2021, p. 22.

<sup>26</sup> CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2018, p. 74-75.



ou outra alternativa, mas a revolta com a felicidade. É o enfrentamento daquilo que não tem sentido. Nisso, ele diz que

Toda a alegria silenciosa de Sísifo está aí. Seu destino lhe pertence. Seu rochedo é sua questão. Da mesma forma o homem absurdo, quando contempla o seu tormento, faz calar todos os ídolos. [...] O homem absurdo diz sim e seu esforço não acaba mais. Se há um destino pessoal, não há nenhuma destinação superior ou, pelo menos, só existe uma, que ele julga fatal e desprezível. No mais, ele se tem como senhor de seus dias. Nesse instante sutil em que o homem se volta sobre sua vida, Sísifo, vindo de novo para seu rochedo, contempla essa sequência de atos sem nexos que se torna seu destino, criado por ele, unificado sob o olhar de sua memória e em breve selado por sua morte. Assim, convencido da origem toda humana de tudo que é humano, cego que quer ver e que sabe que a noite não tem fim, ele está sempre caminhando. O rochedo continua a rolar.<sup>27</sup>

Nesta luta contra o absurdismo o melhor é acatá-lo. Buscar um sentido não tem lógica e enfrentá-lo com alegria é a melhor maneira. A dificuldade é, como possuir a felicidade em uma situação como esta? Para Camus afirmar a felicidade é viver a vida por ela mesma, sem apoio em um sentido metafísico<sup>28</sup>, sendo que “A própria luta em direção aos cimos é suficiente para preencher um coração humano. É preciso imaginar Sísifo feliz”.<sup>29</sup>

Muito poderia ser dito dessa corrente filosófica que tanto destaca a necessidade de sentido para a vida e algumas compreensões em torno dela. Todavia, o grande destaque geral é perceber que para os existencialistas a vida é construída pelo próprio indivíduo, gerando seu próprio destino e traçando uma concepção que satisfaça sua existência. Também, ressalta os conflitos existenciais humanos ao encarar-se com a angústia, desespero, absurdo e a morte. Para além disso, o existencialismo demonstra o ser humano tentando conviver e encontrar esperança em uma vida que está impossibilitada de alcançar razões maiores para a existência.<sup>30</sup>

Sendo assim, pode-se compreender a necessidade de sentido para a vida humana, objeto de estudo na corrente existencialista. Se fosse realizada a pergunta: Afinal, viver para quê? Possivelmente a resposta seria: contentar-se com a lamúria e ser confrontado com a inexistência de um sentido para além de si mesmo, enfrentando conscientemente uma vida em que o próprio sujeito, na incansável necessidade de sentido, assume que não há sentido,

<sup>27</sup> CAMUS, 2018, p. 76.

<sup>28</sup> O termo metafísica foi utilizado inicialmente como um título a um conjunto de obras de Aristóteles. Uma coleção de seus escritos denominou-se “as coisas da natureza” e depois “Física”, outra designação (não pelo próprio autor), de “livros após a Física”, daí o termo Metafísica, tornando-se um ramo da Filosofia que normalmente caracteriza-se pelo estudo da realidade (DEWEESE; MORELAND, 2011, p. 30). Sendo assim, consiste na “investigação que levante questões sobre a realidade que estejam por detrás ou além das que podem ser tratadas pelos métodos da ciência.” (BLACKBURN, 1997, p. 246). Para aprofundar o tema consulte: DEWEESE, Garret J; MORELAND, J. P. **Filosofia concisa**: uma introdução aos principais temas filosóficos. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 29-52. METAFÍSICA. In: BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Tradutor Desidério Murcho et al. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 246.

<sup>29</sup> CAMUS, 2018, p. 76.

<sup>30</sup> GUIMARÃES; LIMA, 2023, p. 2-3.

e para se ter, ele é o responsável em criá-lo. Dito isso, será que a teologia, ou ainda, a fé cristã se preocupou em responder ao sentido da vida? Se sim, qual a resposta formulada?

## 2. O SENTIDO DA VIDA A PARTIR DA PERSPECTIVA CRISTÃ

A fé cristã é o grande contraste entre as outras perspectivas do sentido da vida humana. As pessoas continuam insatisfeitas com a resposta de que, “não há respostas!”, ou, “não as busque!” Enquanto se adere o sentido do viver como aquilo que o próprio indivíduo entende ser o sentido pessoal da sua vida, as Escrituras apontam para um caminho diferente, um sentido para além de si mesmo, não criado pelo próprio indivíduo, mas, transcendente a ele, feito por aquele que o criou. Um sentido robustecido: a glorificação de seu criador e a plena satisfação nele.

Aderir este sentido ressignifica a vida, um grande exemplo é o Pregador de Eclesiastes<sup>31</sup>, um livro que destaca perfeitamente que “para aqueles que não creem em Deus esta vida, e tudo o que está relacionado a ela não passa de ilusão. [...] Em linhas gerais, o propósito do livro é demonstrar a futilidade da vida sem Deus”.<sup>32</sup> Ainda, ao longo do texto “O autor tenta descobrir um modo de encontrar todo seu consolo, felicidade e sentido dentro dos limites deste mundo material. [...] Descobre que todos falham em dar sentido diante das realidades da vida e da morte”.<sup>33</sup>

Para o pregador, nada fazia sentido, mesmo experimentando de tudo, não havia satisfação, em Eclesiastes 2.10a diz: “Não neguei aos meus olhos nada que desejaram; não me recusei a dar prazer algum ao meu coração” e adiante compreende, “Entretanto, quando avalei tudo o que as minhas mãos haviam feito e o trabalho que eu tanto me esforçara para realizar, vi que tudo era inútil; é correr atrás do vento. Não há nenhum proveito no que se faz debaixo do sol” (Ec 2.10a,11). Sobre isso, Keller entende que “Se a vida 'dabaixo do sol' é frágil no que diz respeito ao sentido, então todos experimentamos parte de seu fastio e alienação, pois todos estamos alijados de um relacionamento direto com Deus para cuja comunhão fomos criados”.<sup>34</sup>

### 2.1 *Imago Dei* e a perspectiva bíblica sobre o sentido da vida

A consideração inicial a ser ponderada é que o ser humano é criado por Deus, feito à sua imagem e isso o define não sendo fruto do acaso, “mas de um ato consciente, intencional, de um ser pessoal, inteligente e infinito. Sendo assim, a razão da existência reside no propósito

<sup>31</sup> Eclesiastes é um livro bíblico do gênero poético, a ideia central é o retrato de indagações de alguém que não crê em Deus, concluindo que a consequência é uma vida sem sentido e de ilusão. Ao longo do escrito percebe-se um narrador e a figura do personagem “pregador”. Para as discussões iniciais do livro recomenda-se a obra: GUSSO, Antônio Renato. **Os livros poéticos e os da sabedoria**: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2012, p. 93-104; e DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 237-244.

<sup>32</sup> GUSSO, 2012, p. 97.

<sup>33</sup> KELLER, Timothy. **Deus na era secular**: como cééticos podem encontrar sentido no cristianismo. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 104.

<sup>34</sup> KELLER, 2018, p. 104.

de seu criador”.<sup>35</sup> Deus assim o fez, destinando o ser humano a ele e com uma finalidade. Para Pannenberg, o propósito da *imago Dei* é “a destinação do homem para a comunhão com Deus é tema da doutrina de sua criação à imagem de Deus”.<sup>36</sup>

A finalidade da *imago Dei* é a glória de Deus e a relação da criatura com seu Criador, o que demonstra que o ser humano é feito à imagem de Deus e para glória de Deus, essa é a finalidade de sua existência em linhas gerais.<sup>37</sup> É dessa maneira que esta doutrina teológica se relaciona com o sentido último da vida, o indivíduo não está à mercê do universo, vagando lentamente observando o encerramento de seus dias terrenos e sem sentido, mas, foi criado com uma finalidade e ainda mais, à imagem daquele que os destinou à um propósito. Pannenberg traz esta compreensão quando diz que

Se a ideia da destinação do ser humano é ligada com sua criação à imagem de Deus, então essa destinação haverá de referir-se não somente ao domínio do ser humano sobre a criação restante, mas também especialmente à comunhão do ser humano com Deus. [...] Se a destinação do ser humano está dada com sua criação à imagem de Deus, [...] então o ser humano está determinado desde sua origem como criatura de Deus para a comunhão com Deus, “para a vida com Deus”.<sup>38</sup>

O ser humano foi criado por Deus, à sua imagem, para sua glória e para deleitar-se nele. Sua destinação como criatura, representar seu criador, na concepção de possuir uma finalidade última e ser sua imagem. Seu objetivo, glorificar aquele que conferiu a possibilidade de ser sua imagem, o tornou seu representante e é o recebedor da glória que lhe é devida. Além disso, o pleno e total contentamento humano em satisfazer-se em seu Criador.

Tendo a afirmação anterior em vista, pode ser útil esclarecer em que sentido seria o ato de glorificar a Deus, normalmente se associa essa palavra com adoração ou louvor. Por si só cabem as definições dadas, porém, quais os parâmetros, ou ainda, “Que regra Deus nos deu para nos dirigir na maneira de o glorificar e de nos alegrarmos nele?” O breve catecismo de Westminster<sup>39</sup>, define que a resposta a essa questão é justamente as Escrituras, sendo “A Palavra de Deus, que se acha nas Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos, é a única regra para nos dirigir na maneira de o glorificar e de nos alegrarmos nele”.<sup>40</sup>

<sup>35</sup> ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 463.

<sup>36</sup> PANNENBERG, Wolfhart. **Teologia sistemática**: volume II. Santo André; São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2009, p. 264.

<sup>37</sup> Para uma compreensão da ideia estabelecida pelo autor, e a sintetização do que é a *imago Dei* mencionada no texto, cabe consultar o seguinte artigo: BRITO, Matheus Rodrigues. A compreensão do sentido da vida na perspectiva cristã: a *Imago Dei* como elemento norteador. **Revista Ensaios Teológicos**, v. 8, n. 2, p. 123-137, 2022. Disponível em: <https://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/ensaios/article/view/572>.

<sup>38</sup> PANNENBERG, 2009, p. 317, 325.

<sup>39</sup> O catecismo de Westminster possui uma longa história, de modo simplório é uma confissão de fé adotada por igrejas Presbiterianas, como Hodge (1999, p. 32) menciona “Este é o padrão doutrinal comum de todas as Igrejas Presbiterianas no mundo de derivação inglesa e escocesa. É também, de todos os Credos, o mais proeminentemente aprovado por todas as corporações de congregacionais da Inglaterra e América.” Para uma análise completa, recomenda-se a obra HODGE, Alexander. A. **Confissão de fé de Westminster comentada por A. A. Hodge**. 2.ed. [S. l.]: Os Puritanos, 1999, p. 21-48.

<sup>40</sup> ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. **O breve catecismo de Westminster**. São Paulo: Cultura Cristã, 2021, p. 12. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/254041?page=12>. Acesso em: 02 abr. 2024.

Sendo assim, a glorificação a Deus se esclarece em um aspecto prático, seria justamente esta obediência às Escrituras a qual estabelece a maneira de glorificar a Deus. Partindo então da própria Escritura, o termo *doxa* do grego, traduzido por glória, e suas variantes gramaticais, trazem justamente uma concepção prática da glória/glorificação a Deus, sendo: esplendor; reputação; louvar; honrar; desejo de louvor, etc.<sup>41</sup> Ou seja, quando se propõe que a finalidade última do ser humano é glorificar a Deus, pretende-se defini-la como um ato, sendo que “o dever mais sublime do homem é glorificar e louvar a Deus na adoração, nas palavras e nos atos (Mt 5.16; Rm 1.21; 1Co 6.20; 10.31)”.<sup>42</sup> Sintetizando, é a ação de obediência, honra, louvor, adoração, submissão e todos os demais termos que correspondem às atitudes vividas na vida cristã, e como consequência, desfruta-se da satisfação no próprio Deus.

A própria Escritura diz sobre a finalidade última do ser humano. No livro de Isaías 43.7, após a fala de Deus referindo-se àqueles que chama de seus filhos, diz que: “todo o que é chamado pelo meu nome, a quem criei para a minha glória, a quem formei e fiz”. Adiante, no Novo Testamento, o texto de Efésios 1.11,12, em um trecho que menciona aqueles que são povo de Deus, diz: “Nele fomos também escolhidos, tendo sido predestinados conforme o plano daquele que faz todas as coisas segundo o propósito da sua vontade, a fim de que nós, os que primeiro esperamos em Cristo, sejamos para o louvor da sua glória.” Os dois textos mencionados trazem uma mesma perspectiva da finalidade da criação humana, foram criados para a glória de Deus.<sup>43</sup>

Outros textos bíblicos destacam o propósito humano ser a glória de Deus, Romanos 11.36 menciona que, “pois, dele, por ele e para ele são todas as coisas. A ele seja a glória para sempre! Amém”. Em 1 Coríntios 10.31, Paulo destaca que “Assim, quer vocês comam, quer bebam, quer façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus.” Para glorificar a Deus é que o ser humano foi criado, como criatura recebe a oportunidade de glorificar seu criador. Além do propósito de glorificar a Deus, o ser humano é feito para satisfazer-se nele. Diante disso, o Catecismo Maior de Westminster define o sentido da vida humana: “Qual é o fim supremo e principal do homem? O fim supremo e principal do homem é glorificar a Deus e alegrar-se nele para sempre”.<sup>44</sup>

Além de glorificar a Deus, a vida humana possui a possibilidade de satisfazer-se plenamente nele. No texto de João 17.22-23, no momento de uma oração de Jesus, é destacado a plena unidade que deve haver entre o ser humano e Deus. É sobre essa mesma satisfação que há no ser humano de se relacionar com Deus, que o salmista diz: “A quem tenho nos céus senão a ti? E, na terra, nada mais desejo além de estar junto a ti. O meu corpo e o meu coração poderão fraquejar, mas Deus é a força do meu coração e a minha herança para sempre” (Sl 73.25-26). Alegrar-se em plena comunhão com Deus se torna um sentido pelo qual vale a pena viver.

<sup>41</sup> AALEN, S. Glória. In: BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs.). **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, vol. 1, p. 899.

<sup>42</sup> AALEN, 2000, p. 902.

<sup>43</sup> GRUDEM, Wayne A. **Teologia sistemática**. 2.ed. rev. ampl. São Paulo: Vida Nova, 2022, p. 631.

<sup>44</sup> ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. **O catecismo maior de Westminster**. São Paulo: Cultura Cristã, 2021, p. 9. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/253931?page=9>. Acesso em: 23 mar. 2024.

Portanto, em uma perspectiva bíblica/cristã, o sentido último da vida humana é glorificar a Deus e se satisfazer nele, ou seja, “nosso propósito deve ser cumprir a meta para qual Deus nos criou: glorificá-lo. [...] quando pensamos em nossos próprios interesses, fazemos a feliz descoberta de que devemos nos alegrar em Deus e encontrar satisfação nele e em nosso relacionamento com ele”.<sup>45</sup> Com isso, percebe-se em que culmina o sentido da vida, como destaca Ferreira e Myatt

O ser humano foi criado para se relacionar com a pessoa de Deus. O Novo Testamento diz que fomos chamados para a comunhão (κοινωνία [koinônia]) com Cristo. A palavra koinônia é utilizada por Paulo para descrever nossa união com Cristo. Esta palavra significa compartilhar a vida de Cristo e representa um relacionamento profundo (1Co 1.9; 2Co 13.13).<sup>46</sup>

Com as devidas considerações, se pode definir o sentido último da vida humana na compreensão bíblica e cristã como, glorificar a Deus e satisfazer-se nele. Sendo assim, no tópico seguinte observar-se-á algumas ponderações sobre o conceito trazido e irá destacar de modo a concluir o raciocínio da *imago Dei* como um elemento norteador do sentido da vida.

## 2.2 Afinal, viver para quê? Vivendo com um sentido

A perspectiva cristã sobre o sentido da vida pode ser útil, sobrepondo as demais definições de sentido. Adotar a posição apresentada pode ser fundamental para o indivíduo, conduzindo-o a um modo de viver que não seja desprovido de um propósito. Para Erickson, “outras concepções são deficientes porque, mesmo quando as necessidades consideradas básicas (e.g., econômicas ou sexuais) são satisfeitas, ainda persiste um sentimento de vazio e insatisfação”.<sup>47</sup> A falta de satisfação com outras respostas para o sentido da vida é o que torna relevante a apresentação da compreensão cristã, pois em outra perspectiva “o homem vive tão somente para esta vida temporal. Qualquer valor, significado e felicidade que ele consegue são alcançados por acaso, ou ele mesmo tem que criá-los. Ele está sozinho no universo e não pode recorrer a nenhuma instância que o transcenda”.<sup>48</sup>

Em um mundo onde a pluralidade de sentidos impera, normalmente afastando as pessoas do fim designado por Deus, é importante trazer à memória seu fim último, pois se o ser humano não é mero fruto do acaso ou um ser à mercê do universo, deve haver um sentido na existência, se ele é criado à imagem de Deus o sentido de sua vida está intrinsecamente atrelado ao propósito que seu Criador designou a ele.<sup>49</sup>

É neste propósito dado à humanidade que a “plenitude de alegria é encontrada no conhecimento de Deus e no prazer com a excelência do seu caráter. Estar na sua presença, desfrutar da sua comunhão, é a maior bênção que se possa imaginar”.<sup>50</sup> Adotar esse sentido

<sup>45</sup> GRUDEM, 2022, p. 631-632.

<sup>46</sup> FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática: uma análise histórica, bíblica, e apologética para o contexto atual.** São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 402.

<sup>47</sup> ERICKSON, 2015, p. 463.

<sup>48</sup> FERREIRA; MYATT, 2007, p. 388.

<sup>49</sup> ERICKSON, 2015, p. 463.

<sup>50</sup> GRUDEM, 2022, p. 632.

como o último da vida não se torna pacato, pois “quando percebemos que Deus nos criou para glorificá-lo, e quando passamos a agir a fim de cumprir esse propósito, começamos a experimentar uma intensidade de alegria no Senhor que não conhecíamos antes”.<sup>51</sup>

Sustentar que o fim último dos seres humanos deve ser glorificar e relacionar-se de maneira que se satisfaça em seu criador, de certo modo se pode pensar ser algo limitado. Todavia, não é, afinal “Essa afirmação, longe de oprimir ou reduzir o horizonte do ser humano, lança-o à frente por meio do incessante desejo que lhe garante esta sua condição de criatura humana, finita e limitada, mas capaz de desejar o Ilimitado, o Infinito”.<sup>52</sup> Pacato, entediante ou limitado é justamente antagônico à proposta cristã de sentido, estabelecer o sentido da vida em Deus é a maneira dinâmica, instigante e ilimitada que se pode ter.

A fé cristã e a perspectiva bíblica sobre o sentido da vida ante as demais respostas é a que apresenta uma real solidez. Conduzir a vida com o sentido de glorificar e satisfazer-se em Deus assume dois aspectos, um aqui e agora, e um aspecto escatológico. Primeiro, ao compreender este sentido e aderi-lo como uma forma de ver o mundo, novas atitudes e maneiras de se conduzir a vida no presente momento são definidas. Em um aspecto escatológico, ou seja, para além dessa vida, o sentido de glorificar a Deus e satisfazer-se nele continua, Apocalipse 21.3-7 destaca os que creem em Cristo desfrutando da eterna comunhão e satisfação nele.

Enxergar a vida com a concepção apresentada a torna com sentido, não é o indivíduo vagando no universo esperando o fim de sua existência terrena, sem um propósito e finalidade, a fé cristã norteia o sentido da vida humana. McGrath situa que

A fé cristã nos capacita a extrair sentido das coisas e, em última análise, tem origem no caráter de Deus e o expressa. O mundo pode de fato parecer sem sentido e sem propósito. Todavia, é necessária uma lente ou uma estrutura conceitual que ponha as coisas no foco. O mundo pode parecer sem sentido; mesmo assim, isso acontece porque não o vemos do modo certo. Se o mundo parece estar irremediavelmente fora de foco e desorganizado, é porque ainda não encontramos a chave para colocá-lo no foco e tecer seus fios aparentemente desconectados e não relacionados em uma tapeçaria de sentido. O cristianismo fornece uma estrutura de sentido que ilumina a terra das sombras da realidade, põe em foco nossas observações do mundo no foco e tece os fios de nossa experiência segundo um padrão.<sup>53</sup>

Glorificar a Deus e satisfazer-se nele é a resposta bíblica e cristã para o sentido da vida, esse sentido é essencialmente prático. A vida pode ser ilustrada como uma jornada, pode-se adotar um sentido para ela de que não há sentido algum, o sujeito busca por um propósito e vive insatisfeito diante da inexistência de uma finalidade última. Na perspectiva cristã há necessariamente uma finalidade na existência, o ser humano é criado por Deus, à sua imagem

<sup>51</sup> GRUDEM, 2022, p. 632.

<sup>52</sup> GUIMARÃES, Maria Roziane. **A contribuição da espiritualidade cristã para a redescoberta do sentido da vida:** contribuições de Santo Inácio de Loyola e Papa Francisco. Rio de Janeiro, 2021, 111 p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/55067/55067.PDF>. Acesso em: 28 ago. 2023. p. 56.

<sup>53</sup> MCGRATH, Alister. **Surpreendido pelo sentido:** ciência, fé e como fazemos que as coisas façam sentido. São Paulo: Hagnos, 2015, p. 162-163.



e com o fim último de glorificar e estar satisfeito na comunhão com seu Criador, na jornada da vida ele caminha com esse propósito, atentando-se à uma comunhão e glorificação, no presente e no futuro, no momento em vida e na vida após essa, a eternidade, o céu, onde glorificará seu senhor e estará em plena comunhão com ele. A partir daí duas reações são tomadas, a) espera-se a morte e a passagem para além dessa vida, onde a pessoa encontrará o sentido pelo qual viveu, ou b) ao longo da vida, nesta jornada, auxilia outros a conhecer o real sentido dela para o presente e, para a vida após essa.<sup>54</sup>

A fé cristã como uma resposta última é necessária, pois embora a pergunta pelo sentido da vida seja antiga, ela continua atual. Inúmeras pessoas convivem e suportam a existência que, para elas, não faz sentido algum. Viver sem um sentido é mais uma tentativa de sobrevivência do que qualquer outra coisa, o existencialismo evidencia claramente este fato, e sobre isso Dooyeweerd pontua que “[...] o homem é lançado no mundo involuntariamente e, para sustentar sua vida, é obrigado a se voltar para as coisas que estão disponíveis neste mundo. O conflito pela existência caracteriza a vida do homem”.<sup>55</sup>

A perspectiva cristã é justamente o contraponto necessário para a mudança de sentido na vida, os sentidos para o aqui e agora são frágeis. Definir o sentido da existência a partir de si mesmo ou o que pode ser conquistado é efêmero. Desta forma, a fé cristã apresenta uma maneira de conduzir a existência rumo a um propósito indelével. Mondin pondera que

Resta-nos, portanto, reconhecer que o sentido último da autotranscendência, e conseqüentemente o sentido último do homem, situa-se fora do próprio homem e se encontra em Deus, antes é o próprio Deus. Por conseguinte, não sai o homem dos limites do próprio ser para mergulhar no nada, mas sai de si mesmo para abismar-se em Deus, que é o único ser capaz de levar o homem à perfeita e perene realização de si mesmo.<sup>56</sup>

A fé cristã traz a ressignificação da vida quando propõe o sentido último do ser humano para além de si mesmo, fora do que é criado, não feito por si mesmo, sendo o que ele quem bem entende qual o melhor sentido para sua existência. A concepção cristã apresenta o sentido como algo já definido pelo próprio Deus, aquilo estabelecido na criação do ser humano, de glorificar e relacionar-se com seu Criador. Este sentido não foi formulado por pensamentos ou criação humana, como propõe Keller, este sentido é revelado em Cristo “e, por isso, não cremos em sentidos que devemos sair à caça e descobrir, mas em um Sentido que veio ao mundo para nos encontrar”.<sup>57</sup> E é justamente glorificar a Deus e ter a total satisfação nele, na vida terrena e vida eterna que é a completa alegria do cristão.

Deleitar-se em Deus, na insatisfação com a vida que para alguns não faz sentido nenhum, a perspectiva cristã traz à tona um sentido de satisfação e completude ao ser humano. O seu fim principal de momentânea e eterna glorificação ao seu Criador e satisfação

<sup>54</sup> MCGRATH, 2015, p. 172.

<sup>55</sup> DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental**: estudos sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico. São Paulo: Hagnos, 2010, p. 245-246.

<sup>56</sup> MONDIN, Battista. **Antropologia teológica**: história, problemas, perspectivas. São Paulo: Paulinas, 1979, p. 87.

<sup>57</sup> KELLER, 2018, p. 105.

nele, o move a viver com um sentido durável. É isso que a Bíblia aponta ao ser humano, pois a fé cristã é uma resposta que supre os questionamentos e traz uma resposta plausível às indagações humanas. A compreensão bíblica traz à tona essa solução para problemática que é de enfrentamento comum. O olhar do indivíduo para além de si mesmo o possibilita a contemplação e satisfação em seu criador.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para chegar ao argumento proposto no início, no tópico inicial abordou-se a maneira de como o ser humano necessita e busca o sentido da vida. Para tanto, utilizou-se a filosofia como demonstração. O início desta ciência remonta ao desejo por respostas, embora os filósofos pré-socráticos não se preocuparam com o sentido da vida propriamente, mas buscaram a razão dela, o princípio e origem de tudo, vida, universo e mundo, o que destaca o anseio por respostas e sentido das coisas. Então foi dado um destaque à filosofia niilista, cuja resposta à questão do sentido da existência é que ela consiste no completo nada, é a falta de sentido, de valores morais ou uma finalidade última à vida.

A filosofia existencialista também contribuiu para a afirmação da busca por sentido, afinal, a investigação existencialista tem como objetivo explorar a questão da existência humana. Portanto, foi explorado brevemente o pensamento de alguns filósofos importantes para esta corrente, de modo simplório, percebeu-se um certo tipo de consenso que sua abordagem evidencia que: a partir desta concepção vive-se no vazio, a vida é levada ao nada, busca-se aliviar a vida dando um sentido próprio que satisfaça o ser humano e o anestesie da crise de que não há sentido algum e, buscá-lo, é ineficaz.

No segundo tópico a finalidade foi apresentar os argumentos bíblicos e propostas teológicas do sentido da vida. Como observado, percebe-se de modo claro que as Escrituras apontam uma finalidade ao ser humano, é um ser criado por Deus, e a intrínseca imagem de Deus demonstra que o objetivo final é glorificação a Deus e a comunhão do ser criado com seu criador. Deste modo que se tece a *Imago Dei* com o sentido da vida, pensando na pessoa não como um ser à mercê do universo que ao longo da sua existência apenas observa seus dias esvaindo, mas, uma destinação direta a Deus para um relacionamento e glorificação a ele que consequentemente gera a satisfação.

Nas outras observações percebeu-se que a vida está alicerçada naquilo que é temporal, o ser humano limita-se em se contentar com aquilo que é palpável ou ele mesmo é o responsável por criar o sentido de sua existência. O contraponto do sentido bíblico é que é possível a realização em uma fonte superior, o criador do próprio indivíduo, nessa relação de glorificação encontra-se a plena satisfação em Deus. Outro ponto benéfico é que a condução da existência assume um aspecto temporal, enquanto limitado a este mundo pode relacionar-se e satisfazer-se em Deus. E um aspecto escatológico, para além dessa vida, o ser humano anseia e será capaz de desfrutar de uma total relação com seu criador.

Vale destacar que o objetivo da pesquisa não consistiu em denegrir alguma perspectiva ou estabelecer um juízo de valor de que qualquer outra percepção é inferior e deve ser ignorada, rejeitada ou distorcida, o foco foi demonstrar os contrastes entre um modo de ver

e outro, realizando um diálogo. Sendo assim, o objetivo também não foi propor a adesão à uma perspectiva filosófica em uma pesquisa teológica, mas descrever que a Teologia, fé cristã e principalmente as Escrituras, estabelecem uma resposta à questão tão debatida do sentido da vida. A pesquisa de forma alguma esgotou o tema proposto, mas lançou-o à frente, sendo um caminho a ser percorrido na extensão de outras pesquisas com uma elaboração superior e uma maior extensão.

Com as ponderações realizadas, pode ser dito que a compreensão cristã é uma maneira essencialmente relevante de conduzir a vida, a adesão de um sentido para além de si mesmo convida o ser humano a olhar um sentido fora do que é limitado, palpável ou mesmo transitório. É o olhar voltando-se ao criador do sentido, o próprio Deus. A glorificação a Deus não prende o ser humano à mera ação como um robô, mas o conduz à uma relação de satisfação entre o ser criado e aquele que o criou. Um sentido durável é o apresentado nas Escrituras, uma relação com o transcendente possibilitada por Cristo, intermediador entre Deus e a humanidade, dessa forma o ser humano responde com a glorificação ao seu criador, como consequência torna-se satisfeito plenamente nessa relação harmoniosa.

Na aspiração de sentido, por vezes a pessoa se perde, se vive de modo que aguarda sua morte vislumbrando sua existência sem sentido algum. Observar a compreensão cristã traz um novo sentido à existência. Ao vislumbrar a proposta de sentido a partir da fé cristã, compreende-se que o sentido não é abstrato ou criado por si mesmo e, para satisfazer-se em seu Senhor, o deleite de sua vida encontra-se em Deus. O sentido de sua vida torna-se algo além de si mesmo, reagindo como o salmista, ressignifica sua existência e abdica a glória própria, “não a nós, Senhor, nenhuma glória para nós, mas sim ao teu nome, por teu amor e por tua fidelidade!” (Sl 115.1). Há um sentido pelo qual vale a pena viver, na pergunta que não se encerra e acompanha geração após geração: afinal, viver para quê? Responde-se: para glorificar a Deus e satisfazer-se nele para sempre.

## REFERÊNCIAS

AALLEN, S. Glória. In: BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs.). **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 899-907. v. 1.

ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. **O breve catecismo de Westminster**. São Paulo: Cultura Cristã, 2021. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/254041?page=12>. Acesso em: 02 abr. 2024.

ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. **O catecismo maior de Westminster**. São Paulo: Cultura Cristã, 2021. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/253931?page=9>. Acesso em: 23 mar. 2024.

BRITO, Matheus Rodrigues. A compreensão do sentido da vida na perspectiva cristã: A *Imago Dei* como elemento norteador. **Revista Ensaios Teológicos**, v. 8, n. 2, p. 123-137, 2022. ISSN 2447-4878. DOI 10.58855. Disponível em:

<https://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/ensaios/article/view/572>. Acesso em: 14 mai. 2024.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

CASTRO, Susana de (org.). **Introdução à filosofia**. Petrópolis: Vozes, 2008.

DEWEESE, Garret J; MORELAND, J. P. **Filosofia concisa**: uma introdução aos principais temas filosóficos. São Paulo: Vida Nova, 2011.

DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2006.

DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental**: estudos sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico. São Paulo: Hagnos, 2010.

ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

ESCORCIO, Dalriane Miranda; MONTEIRO, Felipe Sávio Cardoso Teles. Reflexões sobre a Filosofia Existencialista. **Cadernos Zygmunt Bauman**, [S. l.], v. 11, n. 26, 2021. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/17064>. Acesso em: 20 set. 2023.

EXISTENCIALISMO. In: BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Tradutor Desidério Murcho *et al.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática**: uma análise histórica, bíblica, e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007.

GRUDEM, Wayne A. **Teologia sistemática**. 2.ed. rev. ampl. São Paulo: Vida Nova, 2022.

GUIMARÃES, Maria Roziane. **A contribuição da espiritualidade cristã para a redescoberta do sentido da vida**: contribuições de Santo Inácio de Loyola e Papa Francisco. Rio de Janeiro, 2021. 111 p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/55067/55067.PDF>. Acesso em: 28 ago. 2023.

GUIMARÃES, Ueudison Alves; LIMA, Raimunda Macêdo da Silva. Do Caos a Ex-sistência: uma abordagem da Filosofia Existencialista. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar** - ISSN 2675-6218, [S. l.], v. 4, n. 11, 2023. DOI: 10.47820/recima21.v4i11.4308. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/4308>. Acesso em: 20 set. 2023.

GUSSO, Antônio Renato. **Os livros poéticos e os da sabedoria**: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2012.

HODGE, Alexander. A. **Confissão de fé de Westminster comentada por A. A. Hodge**. 2.ed. [S. l.]: Os Puritanos, 1999.

KELLER, Timothy. **Deus na era secular**: como cééticos podem encontrar sentido no cristianismo. São Paulo: Vida Nova, 2018.

KIERKEGAARD, Sören. **O desespero humano**. São Paulo: Martin Claret, 2001. (Coleção A obra-prima de cada autor; 78).

MADUREIRA, Jonas. **Curso Vida Nova de teologia básica: Filosofia**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 13.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MCGRATH, Alister. **C. S. Lewis, Richard Dawkins e o sentido da vida**. Viçosa: Ultimato, 2020.

MCGRATH, Alister. **Surpreendido pelo sentido: Ciência, fé e como fazemos que as coisas façam sentido**. São Paulo: Hagnos, 2015.

METAFÍSICA. In: BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Tradutor Desidério Murcho *et al.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MONDIN, Battista. **Antropologia teológica: história, problemas, perspectivas**. São Paulo: Paulinas, 1979.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras incompletas**. 3.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PANNENBERG, Wolfhart. **Filosofia e teologia: tensões e convergências de uma busca comum**. São Paulo: Paulinas, 2008.

PANNENBERG, Wolfhart. **Teologia sistemática: volume II**. Santo André; São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2009.

RABUSKE, Edvino A. **Antropologia filosófica: um estudo sistemático**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da religião**. 8.ed. São Paulo: Paulus, 2010.